

Ability

Emissão 54 [1957, ca. Início de Setembro]

A Revista de

DIANÉTICA e CIENTOLOGIA

de

Washington, D.C.

(Palavras destacadas a negro são técnicas)

MAIS CONFRONTO

Aquilo que uma pessoa pode **confrontar**, pode **manejar**.

O primeiro passo para manejar qualquer coisa é adquirir a capacidade de lhe fazer face.

Poderia dizer-se que a guerra continua a ser uma ameaça para o Homem porque o Homem não pode confrontar a guerra. A ideia de tornar a guerra tão terrível que ninguém é capaz de a combater é exatamente o inverso de quando queremos acabar a guerra. A invenção do arco, da pólvora, dos pesados canhões navais, das metralhadoras, do napalm e da bomba de hidrogénio aumentam cada vez mais a certeza de que a guerra irá continuar. À medida que cada novo elemento que o Homem não consegue confrontar é acrescentado aos elementos que até agora ele não foi capaz de confrontar, mais o Homem entra numa incapacidade crescente de manejar a guerra.

Estamos aqui a examinar a anatomia básica de todos os **problemas**. Os problemas começam por uma incapacidade de confrontar alguma coisa. Quer apliquemos isto às querelas domésticas ou aos insetos, às descargas de lixo ou a Picasso, uma pessoa pode sempre encontrar o início de qualquer problema existente numa ausência de disposição para confrontar.

Tomemos uma cena doméstica. O marido ou a mulher não pode confrontar o outro, não pode confrontar as consequências de uma **segunda dinâmica**, não pode confrontar as sobrecargas económicas e assim temos brigas domésticas. Quanto menos qualquer destas coisas for realmente confrontada, mais se tornará um problema.

É um truísmo que uma pessoa nunca resolve coisa alguma fugindo dela. É claro que também podemos dizer que nunca se resolve o problema das balas de canhão descobrindo o peito perante elas. Mas garanto que se ninguém se importasse que as balas de canhão fossem disparadas ou não, o controlo das pessoas pela ameaça dos canhões cessaria.

Na zona reles onde existem destroços e marginais para manter a polícia ocupada, não conseguimos encontrar um homem cujas dificuldades básicas, cuja queda, não pudessem imediatamente ser atribuídas a uma incapacidade de confrontar. Uma vez veio ter comigo um criminoso que tinha todo o lado direito paralisado. Contudo, este homem ganhava a vida abordando pessoas em becos, batendo-lhes e roubando-as. A razão porque ele batia nas pessoas não a podia relacionar com o lado e braço paralisados. Desde a infância que tinha sido educado a não confrontar os homens. O mais que ele podia fazer em termos de confrontar homens era bater-lhes, daí a sua carreira de criminoso.

Quanto mais o horror do crime for deificado pela televisão e pela imprensa pública, menos capaz será a sociedade de manejar o crime. Quanto mais formidável o delinquente juvenil é apresentado, menos a sociedade será capaz de manejar a delinquência juvenil.

Na educação, quanto mais esotérico e difícil é tornado um assunto, menos os estudantes serão capazes de manejar esse assunto. Quando um assunto é tornado demasiado terrível pelo instrutor, mais o estudante se afastará dele. Houve, por exemplo, alguns estudos europeus anteriores sobre a mente, tão complicados e tão incompreensíveis, tão semeados de ausência de compreensão do Homem, que nenhum estudante os podia confrontar. Em Cientologia, quando temos um estudante educado basicamente na ideia de que a mente é uma coisa tão terrível e tão complicada que ninguém a poderia confrontar, ou talvez tão bestial e degradada que ninguém quereria fazê-lo, temos um estudante que não pode aprender Cientologia. Confundiu a Cientologia com os seus estudos anteriores, e a sua dificuldade reside em não poder ser levado a confrontar o assunto da **mente**.

O homem encontra-se hoje, em grande parte, neste estado quanto ao espírito humano. Durante séculos o Homem foi educado para acreditar em demónios, vampiros e coisas que surgem no meio da noite. Havia uma organização no sul da Europa que se aproveitava deste terror e fazia os demónios e diabos tão terríveis que por fim o Homem não podia nem sequer enfrentar o facto dos seus semelhantes terem alma. E assim entrámos numa era totalmente materialista. Com os ensinamentos passados segundo os quais ninguém pode confrontar o "invisível", religiões vindicativas procuraram avançar para uma posição de controlo preponderante. Naturalmente fracassaram no seu objetivo, e a ausência de religião tornou-se a ordem do dia, abrindo desta forma a porta ao comunismo e a outras idiotices. Embora possa parecer verdade que uma pessoa não pode confrontar o invisível, quem disse que um espírito era *sempre* invisível? Digamos antes que é impossível ao Homem ou a seja ao que for confrontar o inexistente, e assim, quando se inventam deuses inexistentes e se lhes dão papéis nos costumes da sociedade, descobrimos que o Homem se torna tão degradado que nem sequer pode confrontar o espírito dos seus semelhantes, e muito menos tornar-se moral.

O confronto é um assunto em si mesmo muitíssimo interessante. Na verdade há algumas provas de que os **quadros de imagem mental** só acontecem quando o indivíduo é incapaz de confrontar as circunstâncias da imagem. Quando isto se conjuga e o Homem fica incapaz de confrontar seja o que for, seja onde for, pode considerar-se que tem imagens de tudo em todo o lado. Isto foi provado através de um teste muito interessante feito por mim em 1947 quando descobri que, se se pudesse levar um indivíduo a "percorrer um **elo**" de alguma coisa que acabava de ver, percorrer outro elo de alguma coisa que acabava de ouvir e percorrer um elo adicional de alguma coisa que acabava de sentir, após algum tempo ele seria capaz de manejar imagens muito mais graves na sua mente. Descobri, embora não o tenha interpretado totalmente nesse momento, que um indivíduo, quando pode confrontar todas as imagens, já não tem imagens, sendo desta forma capaz de confrontar tudo quanto fez, não sendo mais perturbado pelas coisas que fez. A apoiar isto, ver-se-á que os indivíduos que progridem na capacidade de manejar imagens não terão finalmente imagens em absoluto. A isto chamamos um **Clear**.

Um Clear no sentido absoluto seria alguém que pudesse confrontar fosse o que fosse, tudo, no passado, no presente e no futuro.

Infelizmente para o mundo da ação, descobrir-se-á que alguém que confronta tudo não tem que manejar coisa alguma. Em apoio disto apresenta-se o **processo** de Cientologia, **Problemas de Magnitude Comparável**. Neste processo particular, pede-se ao indivíduo que está a receber **processamento** para selecionar um **terminal** com o qual está a ter dificuldades. Sabendo que um terminal é uma "massa viva" ou alguma coisa capaz de causar, receber e transmitir **comunicação**, ver-se-á que os terminais são habitualmente pessoas que se encontram no banco de alguém na categoria de problemas. Pede-se então à pessoa que invente um problema de magnitude comparável ao dessa pessoa. Pede-se-lhe para fazer isso muitas, muitas vezes. A meio do processo ver-se-á que ela está agora disposta a fazer alguma coisa sobre o problema que está a ter com essa pessoa. Mas no final do processo terá acontecido uma coisa nova e estranha. O indivíduo já não sente que *deve* fazer alguma coisa acerca do problema. Na verdade ele pode simplesmente confrontar, examinar ou rever o problema com total serenidade. Uma qualidade quase mística introduz-se nisto quando se descobre que o problema acerca do qual ele tem estado preocupado deixa com frequência de existir no universo físico nesse mesmo instante. Por outras palavras, *o manejo de um problema parece ser simplesmente o aumento da capacidade de confrontar o problema*, e quando o problema pode ser totalmente confrontado, deixa de existir. Isto é estranho e miraculoso.

É difícil acreditar que uma pessoa que tem um marido bêbado possa curar o indivíduo de beber recebendo simplesmente processamento sobre o problema de ter um marido bêbado, e contudo isto sucedeu. Não estou aqui a dizer que todos os problemas do mundo podem ser vencidos percorrendo simplesmente Problemas de Magnitude Comparável nalgumas pessoas, mas também não estou a dizer que todos os problemas do mundo não possam ser manejados percorrendo Problemas de Magnitude Comparável nalgumas pessoas, e na realidade estou neste momento a intentar uma experiência nesse sentido sobre a questão da bomba atómica. É estranho que quanto mais esta experiência é prolongada, menos estas bombas respondem aos testes de fogo.

Talvez se possa contudo dizer que, se existisse uma pessoa em todo o universo que pudesse confrontar todo o universo, os problemas do universo perderiam para todos uma enorme parte da sua intensidade.

As dificuldades do Homem são um composto das suas covardias. Para ter dificuldades na vida, basta começar a fugir da atividade de viver. Depois disso, os problemas de magnitude insolúvel estão garantidos. Quando os indivíduos se restringem de confrontar a vida, adquirem uma vasta capacidade para terem problemas com ela.

Existem muitas outras coisas imensamente interessantes sobre confronto, mas elas serão tratadas numa emissão posterior.

Uma emissão anterior da revista *Ability*, continha um resumo completo do TR 0 cujo nome é Confronto. Este exercício, feito durante muitas horas, será achado tremendamente eficaz no manejo da vida. Um casal cujo trajeto não tem sido muito suave, achará extremamente interessante em termos de resolução dos problemas domésticos, co-auditando apenas com este exercício de treino, cada um deles fazendo o outro percorrê-lo pelo menos 25 horas. Isto teria que ser feito, é claro, numa base de intercâmbio que não ultrapassasse 2 horas cada, o "treinador" mudando então para "auditor (treinando)".

Para percorrer Confronto desta forma com ganho considerável, seria necessária alguma compreensão do que é um "treinador" e, numa dessas equipas de co-audição, o que é um "auditor". O *Manual do Estudante* contém uma muito mais completa compreensão disto. A equipa senta-se em cadeiras de costas direitas, de preferência desconfortavelmente direitas. O treinador e o auditor são sentados na frente um do outro a uma curta distância. É tarefa do treinador manter o auditor alerta. Os pés do "auditor" devem estar bem assentes no chão, as mãos no colo. A cabeça deve estar direita e ele não deve usar qualquer sistema ou método, mas simplesmente *confrontar*. Um músculo contraído, um dedo nervoso, seriam igualmente reprovados pelo treinador. O treinador usa diversos termos. O primeiro deles é "Começa" e nesse momento a "sessão" começa. Cada vez que o auditor perde a graça, não mantém a sua posição, entorta as costas, fica **anaten** (inconsciente), se agita, deixa vagar o olhar ou de qualquer forma demonstra uma posição incorreta, o treinador diz "Falhou" e corrige a dificuldade. Em seguida diz de novo "Começa" e a sessão prossegue. Quando a pessoa que está no papel do "auditor" foi muito bem sucedida durante um certo tempo, o treinador pode dizer "Vitória" e depois uma vez mais "Começa". Quando o treinador deseja fazer comentários ou dar algum conselho, diz "Pronto", corrige o ponto em questão e depois diz outra vez "Começa".

No treino propriamente dito são usados apenas estes termos: "Começa", "Falhou", "Vitória", "Pronto". Mais alguma coisa que o treinador faça ou diga é ignorada pelo "auditor", a não ser que o treinador tenha dito "Pronto" e o tenha então "aconselhado" sobre um ponto e depois recommençado. O treinador seria livre de fazer qualquer coisa que quisesse, exceto violência física, enervar o auditor ou perturbá-lo. O treinador poderia dizer qualquer coisa que desejasse entre um "começa" e outro comando como acima, e o auditor falharia se lhe desse atenção ou fizesse qualquer outra coisa que não fosse simplesmente confrontar.

Normalmente, tudo quanto o treinador faz é assegurar-se de que o auditor continua a confrontar. Contudo, deve ser compreendido que o exercício pode ser consideravelmente endurecido. O treinador pode fazer seja o que for para despistar o auditor da mera tarefa de confrontar. Se o auditor apenas esboçar um sorriso, se mostrar embaraçado, aclarar a garganta ou de qualquer forma deixar de pura e simplesmente confrontar, claro que é sempre uma falha.

Deve entender-se que as *sessões de exercícios* não são sessões de audição. Uma sessão de exercício, toda ela está nas mãos do treinador, que é apenas de uma forma vaga o "preclaro" da sessão. Numa sessão de audição toda a sessão está nas mãos do auditor.

Existe aqui uma regra básica. Qualquer coisa que o "auditor", ou "estudante", como é chamado nos exercícios, tenha tensa, é a coisa com a qual ele está a confrontar. Se os olhos do "auditor" começam a arder, ele está a confrontar com os olhos. Se o estômago fica saliente e tenso, está a confrontar com o estômago. Se os ombros ou mesmo a nuca ficam tensos, então ele está a confrontar com os ombros ou com a nuca. Um treinador que se torne perito nisto pode notar estas coisas imediatamente, e, neste caso, daria um "Pronto", corrigiria o auditor e começaria de novo a sessão.

É interessante que o exercício não consista em confrontar com alguma coisa. O exercício consiste apenas em confrontar; portanto, confrontar com, é uma falha.

Diversos tiques nervosos podem ser imediatamente atribuídos a *tentar* confrontar com alguma coisa que insiste em fugir. Uma mão nervosa, por exemplo, seria uma mão com a qual o indivíduo está a tentar confrontar alguma coisa. O movimento nervoso para a frente seria o esforço para confrontar, o movimento de recuo seria a sua recusa a confrontar. É claro, o erro básico é confrontar com a mão.

O mundo jamais é claro para aqueles que não o podem confrontar. Tudo é cinzento para um exército derrotado. O truque de alguém te dizer que "ali tudo é mau" está contido no facto de que ele está a tentar impedi-lo de confrontar alguma coisa, fazendo-o assim retirar da vida. Óculos, tiques nervosos, tensões, todas essas coisas têm origem numa falta de disposição para confrontar. Quando essa disposição é reparada, as incapacidades tendem a desaparecer.

É claro, os cônjuges cujo casamento é tumultuoso, podem passar por momentos de derrota ou de monotonia ao fazerem este exercício de confronto. Contudo, deve ter-se em mente que, nestes exercícios de treino, é o treinador que está vinculado ao Código do Instrutor e que o único mal que poderia resultar seria permitir ao "auditor" desertar da sessão sem que o treinador, mesmo à força, o pusesse de novo no exercício. Ver-se-á que estas "deserções" ocorrem com mais frequência quando a pessoa a ser treinada, ou seja, o "auditor", está a ter muito poucos ganhos e a ser desencorajado

Mais confronto

pelo treinador. É claro que deve ser-lhe dada falha pelas coisas que ele faz mal, mas ver-se-á que o caminho do sucesso está pavimentado com ganhos. Por isso, quando faz bem o exercício durante algum tempo, isso deve ser dito ao "auditor". Se entrar neste exercício a contar com explosões e perturbações, recusando-se simplesmente a desistir se isso ocorrer, em breve o terá dominado. Se o abordar na esperança de que tudo serão rosas e que todos se portarão como cavalheiros ou senhoras, o desastre estará à espreita.

Nem eu nem a direção somos responsáveis por golpes, contusões, palavras violentas ou divórcios resultantes da tentativa de maridos e esposas fazerem os exercícios de confronto um ao outro.

Você pode nunca mais ser o mesmo.

L. RON HUBBARD

Fundador